

Biografia de Allan Kardec

É sob o impacto da dor profunda causada pela partida prematura do venerável fundador da Doutrina Espírita, que abordamos uma tarefa simples e fácil para suas mãos sábias e experientes, mas cujo peso e gravidade nos abateriam, se não contássemos com o concurso eficaz dos bons Espíritos e com a indulgência de nossos leitores.

Quem, dentre nós, poderia, sem ser tachado de presunçoso, lisonjear-se por possuir o espírito de método e de organização nos quais se iluminam todos os trabalhos do Mestre? Somente sua poderosa inteligência poderia concentrar tantos materiais diversos e triturá-los, transformá-los, para espalhá-los em seguida, como um orvalho benfeitor sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, sabia agradar e fazer-se compreender numa linguagem ao mesmo tempo simples e elevada, tão afastada do estilo familiar, quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se incessantemente, pudera, até aqui, ser suficiente para tudo. Entretanto, o crescimento cotidiano de suas relações e o desenvolvimento incessante do Espiritismo, faziam-no sentir a necessidade de associar-se a algumas ajudas inteligentes, e preparava, simultaneamente, a nova organização da doutrina e dos seus trabalhos, quando deixou-nos para ir para um mundo melhor, recolher a sanção da missão cumprida e reunir os elementos de uma nova obra de devotamento e de sacrifício.

Ele estava só!... Nós nos chamaremos de legião, e, por mais fracos e inexperientes que sejamos, temos a íntima convicção de que nos manteremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de uma evidência incontestável, propusermo-nos a executar, tanto quanto nos seja possível, e segundo as necessidades do momento, os projetos do futuro que o senhor Allan Kardec propunha-se, ele próprio, a executar.

Ainda que estejamos no seu caminho, e que todas as boas vontades se unam num esforço comum para o progresso e a regeneração intelectual e moral da humanidade, o espírito do grande filósofo estará conosco e nos secundará com sua poderosa influência. Que ele possa suprir nossa insuficiência, e que possamos nos tornar dignos do seu concurso, consagrando-nos à obra com tanto devotamento e sinceridade, senão com tanta ciência e inteligência!

Ele inscrevera na sua bandeira essas palavras: trabalho, solidariedade, tolerância. Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos, segundo seus desejos, tolerantes e solidários e não tenhamos seguir seu exemplo, retornando vinte vezes aos princípios já discutidos. Apelamos para a ajuda de todos, de todas as inteligências. Tentaremos avançar mais com segurança do que com rapidez, e nossos esforços não serão infrutíferos, se, como estamos persuadidos e como seremos os primeiros a dar o exemplo, cada um se propuser a fazer seu dever, colocando de lado qualquer questão pessoal para contribuir para o bem geral.

Não poderíamos entrar sob auspícios mais favoráveis na nova fase que se abre para o Espiritismo, senão levando ao conhecimento de nossos leitores, num rápido esboço, o que foi, em toda sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo cuja memória propagar-se-á aos séculos futuros, envolvida pela auréola dos benfeitores da Humanidade.

Nascido em Lyon (França), em 3 de outubro de 1804, numa antiga família que distinguiu-se na magistratura e no tribunal, o senhor Allan Kardec (Hippolyte-Léon-Denizard Rivail) não seguiu esta carreira. Desde a primeira juventude, sentia-se atraído para o estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdon (Suíça), tornou-se um dos discípulos mais eminentes desse célebre professor, e um dos propagadores zelosos do seu sistema de educação, que exerceu uma grande influência sobre a reforma dos estudos na Alemanha e na França.

Dotado de uma inteligência notável e atraído para o ensino pelo seu caráter e suas aptidões especiais, desde a idade de quatorze anos, ensinava o que sabia àqueles colegas que tinham compreendido menos que ele. Foi nessa

escola que se desenvolveram as ideias que deviam, mais tarde, colocá-lo na classe dos homens de progresso e dos livres-pensadores.



Uma das inúmeras gravuras que mostram Pestalozzi com as crianças em Stans.

Nascido na religião católica, educado, porém, num país protestante, os atos de intolerância que teve que suportar sobre esse assunto fizeram-no, logo cedo, conceber a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças, mas faltava-lhe o elemento indispensável para a solução desse grande problema.

O Espiritismo veio mais tarde fornecer-lhe e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos.

Terminados os seus estudos, veio para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduziu para o alemão diferentes obras de educação e de moral, e, o que é característico, as obras de Fénelon, que o haviam particularmente seduzido.

Era membro de várias sociedades eruditas, entre outras, da Academia Real de Arras, que, no seu concurso de 1831, distinguiu-o por uma exposição notável sobre essa questão: “Qual é o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?”

De 1835 a 1840, fundou, em sua residência, na rua de Sèvers, cursos gratuitos, onde ensinava, Química, Física, Anatomia Comparada, Astronomia, etc.; empreitada digna de elogios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época em que um número reduzido de inteligências arriscava-se a entrar nesse caminho.

Constantemente ocupado em tornar atraente e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso para ensinar a contar, e um quadro mnemônico de História da França, tendo como objetivo fixar na memória as datas dos acontecimentos marcantes e descobertas que ilustraram cada reino.

Entre suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: *Plano Proposto para o Melhoramento da Instrução Pública* (1828); *Curso Prático e Teórico de Aritmética*, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família (1829); *Gramática Francesa Clássica* (1831); *Manual de Exames para os Certificados de Capacidade*; *Soluções Resolvidas das Questões e Problemas de Aritmética e de Geometria* (1846); *Catecismo Gramatical da Língua Francesa* (1848); *Programa dos Cursos Comuns de Química, Física, Astronomia, Fisiologia* que ensinava no Liceu Polymatique; *Ditados Normais dos Exames da Prefeitura e da Sorbone*, acompanhados pelos Ditados Especiais sobre as Dificuldades Ortográficas (1849), obra muito considerada na época de sua aparição, e da qual recentemente ainda, faziam-se novas edições.

Antes que o Espiritismo viesse popularizar o pseudônimo de Allan Kardec, ele soubera, como se vê, ilustrar-se pelos trabalhos de uma natureza completamente diferente, mas tendo como objetivo esclarecer as massas e unilas muito mais à sua família e ao seu país.

Por volta de 1855, quando da manifestação dos Espíritos, o Sr. Allan Kardec entregou-se a observações perseverantes sobre esse fenômeno e dedicou-se, principalmente, a deduzir-lhes as consequências filosóficas. Nelas, entreviu primeiramente, o princípio de novas leis naturais, as que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível; reconheceu na ação desse último, uma das forças da Natureza, cujo conhecimento devia lançar a luz sobre uma multidão de problemas reputados insolúveis, e compreendeu-lhes o alcance do ponto de vista religioso.

Suas obras principais sobre essa matéria são: *O Livro dos Espíritos*, para a parte filosófica e cuja primeira edição surgiu em 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental e científica em (janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo*, para a parte moral em (abril de 1864); *O Céu e o Inferno, ou A Justiça de Deus Segundo o Espiritismo* em (agosto de 1865); *A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* em (janeiro de 1868); a *Revista Espírita*, jornal de estudos psicológicos, antologia mensal iniciada em 01 de janeiro de 1858. Fundou em Paris, em 01 de janeiro de 1858, a primeira *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, cujo objetivo exclusivo é o estudo de tudo o que pode contribuir para o progresso dessa nova ciência. O Sr. Allan Kardec defende-se, com justiça, de nada ter escrito sob a influência de ideias preconcebidas ou sistemáticas; homem de um caráter impassível e calmo, observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; o primeiro, deu-lhe a teoria e com ele formou um corpo metódico e regular.

Demonstrando que os fatos falsamente qualificados de sobrenaturais estão submetidos a leis, fê-los entrar na ordem dos fenômenos da natureza, e destruiu, assim, o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.

Durante os primeiros anos em que estiveram em questão os fenômenos espíritas, essas manifestações foram muito mais um objeto de curiosidade do que assunto para meditações sérias; *O Livro dos Espíritos* fez encarar a coisa sob um aspecto completamente diferente; então, abandonaram-se as mesas girantes, que tinha sido apenas um prelúdio, e reuniu-se a um corpo de doutrina que abarcava todas as questões que interessam à humanidade.

Da aparição de *O Livro dos Espíritos* data a verdadeira fundação do Espiritismo, que, até então, apenas possuía elementos esparsos sem coordenação, e cujo alcance não pudera ser compreendido por todo mundo; a partir desse momento também, a Doutrina chamou a atenção dos homens sérios e empreendeu um desenvolvimento rápido. Em poucos anos essas ideias encontraram numerosas adesões em todas as camadas da sociedade e em todos os países. Este sucesso, sem precedente, deveu-se, sem dúvida, às simpatias que essas ideias encontraram, mas deveu-se, também, em grande parte, à clareza, que é uma das características distintivas dos escritos de Allan Kardec.

Abstendo-se das fórmulas abstratas da metafísica, o autor soube fazer-se ler sem fadiga, condição essencial para a vulgarização de uma ideia. Sobre todos os pontos de controvérsia, sua argumentação, de uma lógica firme, oferece pouco espaço à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que dá o Espiritismo da existência da alma e da vida futura tendem à destruição das ideias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina, e que decorre do precedente, é o da *pluralidade das existências*, já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e modernos, e nos últimos tempos por *Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue* e outros; mas permanecia em estado de hipótese e de sistema, enquanto que o Espiritismo demonstra-lhe a realidade e prova que é um dos atributos essenciais da humanidade. Desse princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais; o homem sabe, desse modo, de onde vem, para onde vai, para que fim está na terra e por que aí sofre.

As ideias inatas explicam-se pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da humanidade, pelos homens de antigamente que revivem depois de ter progredido; as simpatias e antipatias, pela natureza das relações anteriores; essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, têm como base as mesmas leis da Natureza, e não mais uma teoria, os grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal.

Ao invés do princípio: *Fora da Igreja não há salvação*, que mantém a divisão e a animosidade entre as diferentes seitas, e que fez derramar tanto sangue, o *Espiritismo* tem como máxima: *Fora da Caridade não há*

salvação, quer dizer, a igualdade entre os homens diante de Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a indulgência mútua.

Ao invés da fé cega que aniquila a liberdade de pensar, ele diz: “Não há fé inabalável senão a que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade. A fé necessita de uma base, e essa base, é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer, para crer não basta ver, é preciso, sobretudo compreender. A fé cega não é mais deste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que produz o maior número de incrédulos, porque ela quer se impor e porque exige a adição de algumas das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.” (Evangelho Segundo o Espiritismo)

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a chegar e o último a sair, Allan Kardec sucumbiu, no dia 31 de março de 1869, em meio aos preparativos de uma mudança de local, necessitada pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Numerosas obras que estava quase terminando, ou que aguardavam o tempo oportuno para surgir, virão um dia provar ainda mais a extensão e o poder de suas concepções.

Morreu como viveu, trabalhando. Desde muitos anos, sofria de uma enfermidade do coração que só podia ser combatida através do repouso intelectual e uma certa atividade material; mas sempre inteiramente dedicado à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um de seus instantes, em detrimento de suas ocupações preferidas. Nele, como em todas as almas fortemente temperadas, a lâmina desgastou a *capa*.

Seu corpo pesava e recusava-lhe seus serviços, mas seu espírito, mais vivo, mais enérgico, mais fecundo, estendia sempre muito mais o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual, a matéria não podia resistir eternamente. Um dia, ela foi vencida; o aneurisma rompeu-se, e Allan Kardec caiu fulminado. Faltava um homem na Terra; porém um grande nome tomava o lugar entre as ilustrações deste século, um grande espírito iria se retemperar no infinito, onde todos aqueles que ele havia consolado e esclarecido aguardavam, impacientemente, sua vinda!

“A morte, dizia ele recentemente ainda, a morte golpeia redobrada nas classes ilustres!...A quem ela virá agora libertar?”

Ele veio, depois de tantos outros, retemperar-se no espaço, procurar novos elementos para renovar seu organismo usado por uma vida de labores incessantes. Partiu com aqueles que serão os faróis da nova geração, para retornar em breve com eles para continuar e terminar a obra deixada entre mãos devotadas.

O homem não existe mais, porém, a alma permanecerá entre nós; é um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador infatigável a que se acrescentaram as falanges do Espaço. Como na Terra, sem ferir ninguém, saberá fazer ouvir a cada um os conselhos convenientes; temperará o zelo prematuro dos ardentes, secundará os sinceros e os desinteressados, e estimulará os mornos. Ele vê, ele sabe hoje de tudo que havia previsto recentemente ainda! Não há mais razão nem para as incertezas, nem para os desfalecimentos, e ele nos fará repartir sua convicção, fazendo-nos tocar com o dedo o objetivo, designando-nos o caminho, nessa linguagem clara, precisa, que o caracteriza nos anais literários.

O homem não existe mais, repetimos, mas Allan Kardec é imortal, e sua lembrança, seus trabalhos, seu espírito estarão sempre com aqueles que mantiverem firmemente e altamente a bandeira que ele sempre soube fazer respeitar.

Uma individualidade poderosa constituiu a obra; era o guia e a luz de todos. A obra, na Terra, tomará o lugar do indivíduo. Não nos reuniremos em torno de Allan Kardec; reunir-nos-emos em torno do Espiritismo, tal como o constituiu, e através de seus conselhos, sob sua influência, avançaremos com passos seguros em direção às fases felizes prometidas à Humanidade regenerada. (Revista Espírita, maio de 1869.)